

Muralha deu a conhecer vestígios do património que protegeu Guimarães

MIGUEL BASTOS defende a criação de um centro de interpretação

Elisabete Pinto

> A convite da Muralha - Associação de Guimarães para Defesa do Património, Miguel Bastos orientou, no passado sábado, uma visita «à volta da muralha», conduzindo os participantes por uma viagem às memórias e aos vestígios que restam da construção que outrora protegeu a terra onde nasceu Portugal.

Com plantas, gravuras, fotografias, uma réplica da muralha em miniatura e o conhecimento acumulado ao longo de muitos anos de interesse pelo tema, Miguel Bastos mostrou a dezenas de pessoas a muralha de Guimarães: a que existe e que ainda se vê, sobretudo na Avenida Alberto Sampaio e na antiga Torre da Alfândega, onde se encontra a inscrição «Aqui nasceu Portugal», e os aspectos desaparecidos da imponente construção.

Foi na infância que o engenheiro civil sentiu despertar a curiosidade para as pedras da muralha.

“Resgatar o que existe sobre a muralha e compilar as informações disponíveis, documentais e iconográficas tem sido um desafio constante. Sinto que Guimarães tem de oferecer aos vimeiranos e a quem nos visita a possibilidade de reimaginar o que era a muralha. Vê-se o castelo, o pano da muralha, o que resta da antiga torre da Alfândega, mas não faz ideia do que era. Mas, a Muralha tinha no seu conjunto pelo menos seis torres do tamanho da torre de menagem do castelo”, apontou, indicando que tal como no anúncio do detergente para a loiça existia “a vila de cima e a vila de baixo”, numa alusão à “cerca velha” que envolvia a zona do Castelo e à “cerca nova” que constituía a cintura da vila de baixo.

“As pessoas não fazem ideia de como era Guimarães com a muralha completa no tempo medieval, com o seu sistema defensivo”, anotou, considerando que a melhor forma de imaginar esse cenário é uma deslocação a Óbidos. “Era um povoado que fazia a sua vida dentro da muralha, mas como o espaço não chegava ao longo dos séculos a muralha deixou de ter função,

passando a ser um empecilho ao ponto de algumas das pedras serem vendidas. É preciso imaginar o que seria o espaço num tempo em que não havia esgotos e os animais viviam no mesmo espaço das pessoas, como os porcos e as galinhas. E a iluminação era reduzida porque não havia electricidade”, sintetizou.

Na visita que começou diante do Paço dos Duques de Bragança, a poucos metros da torre de Santa Bárbara que terá sido erguida no local onde se encontra “por coincidência ou não” a estátua de D. Afonso Henriques, Miguel Bastos deu boleia aos participantes, fazendo o percurso pela cintura da antiga muralha, com passagem pela capela de Santa Cruz (onde existia uma torre), passando pelo Largo da Mumadona, onde assinalou a antiga porta da freiria. Depois, deteve-se a meio do pano de muralha, na Avenida Alberto Sampaio, onde assinalou os vestígios da antiga torre dos cães. Apontou a “porta do Postigo da Senhora da Guia e a respectiva torre”, antes de entrar na cerca do Museu Alberto Sampaio, onde subiu ao adarve da muralha e justificou a proposta que apresentou ao Orçamento Participativo de 2014. “Propunha a reabilitação deste espaço, onde por questões de segurança não se pode subir, e a possibilidade de ser visitado”, disse.

Na Alameda de S. Damásio, onde algumas das habitações estão construídas numa parte da antiga muralha, houve tempo para espreitar “o rechio” num dos imóveis, o espaço que separa os prédios desta artéria dos que estão voltados para a Rua Egas Moniz, antigamente denominada Rua Nova de Trás do Muro. Foi possível observar ainda presença de “alguns merlões e ameias” entre o casario, “alguns vestígios da muralha que resistiu”, logo após se terem subido as “Escadinhas”, ou a porta da Torre Velha, como ficou registado no pavimento.

Com entrada pela Rua do Anjo, a visita contemplou o acesso ao topo da antiga torre da Alfândega, onde as pedras da muralha têm cravadas as letras da inscrição “Aqui Nasceu Portugal”.



“A torre não era, muito provavelmente, coberta e albergava uma estrutura de madeira interior que permitia o acesso aos ditos vãos. É um miradouro fantástico e é propriedade privada”, indicou, ao defender que “os poderes públicos se quisessem podiam devolvê-la à população, instalando no seu interior um centro interpretativo da muralha e permitindo o uso da sua cobertura como miradouro da Cidade”.

Sempre entusiasmado, incansável a fazer desenhos e a mostrar as representações que encontrou, após ter assinalado o postigo de S. Paio, a Porta da Vila ou Porta de S. Domingos, onde existiu também a respectiva torre, onde a muralha foi apropriada pelo conjunto edificado que ali existe, Miguel Bastos deteve-se junto do imóvel do CTT. Aí existia a Porta de Santa Luzia ou Porta da Senhora da Graça, onde havia a Torre de S. Bento.

A cintura de muralha acompanhava a Avenida Humberto Delgado e Rua Dr. Joaquim de Meira até à área envolvente ao castelo, onde existia a porta de Santo António e a Torre da Garrida ou Torrillão da Margarida e a Porta de Santa Bárbara, próximo do local onde foi erguida a estátua de D. Afonso Henriques.

Defender o que resta

As muralhas de Guimarães foram uma construção imponente. Durante mais de cinco séculos dominaram a paisagem da urbe que sob a sua sombra e protecção cresceu e expandiu-se.

“Depois do Castelo ter sido bandeira de uma iconografia, por culpa do Estado Novo, os vimeiranos viram recuperado e resgatado o Centro Histórico, reconhecido internacionalmente. Resta o troço de 250 metros do pano de muralha que subsistiu”, insistiu.

“O perímetro da cerca velha, com cerca de 500m, era pontuado a norte pelo castelo e a sul por dois torrões, ‘cubelos’ maciços, com a mesma altura da muralha. O perímetro da cerca nova, com cerca de 1.400m, era pontuado por seis torres mais altas que a muralha, com dimensões comparáveis à Torre de Menagem do castelo. Foi necessário mobilizar mais de 35.000m³ de alvenaria de granito, correspondendo a cerca de 87 mil 500 toneladas de pedra”, calculou o vimeirano que sonha com a criação de um centro de interpretação capaz de elucidar quem deseje como era Guimarães com a sua muralha.

Dois vilas separadas unidas

É provável que, até ao século XIV, constituindo Guimarães duas vilas in-

dependentes, se tenha optado por, nos dois primeiros séculos da nacionalidade, guarnecer mais fortemente o burgo alto - o núcleo do castelo - em detrimento da vila baixa, organizada em redor da Colegiada.

A dupla muralha de Guimarães resistiu a três cercos: em 1322, quando o Infante D. Afonso guerreava seu pai, D. Dinis; em 1369, quando as tropas de Castela, comandadas por Henrique II, invadiram o Entre-Douro-e-Minho; e em 1385, quando D. João I montou cerco aos resistentes vimeiranos. Terá sido este o monarca responsável pela demolição da muralha interior, que separava os dois burgos.

Com este acto, Guimarães passou a estar fisicamente unificada e a natureza algo rival das duas comunidades era, finalmente, suprimida.

No século XIX, à semelhança do que aconteceu com o Castelo e com o Paço dos Duques, também as muralhas foram utilizadas como pedreiras para diversos edifícios públicos e privados. Tal facto determinou a destruição de praticamente todas as torres e portas, ilusão de progresso que continuou nos meados do século XX, altura em que novas destruições foram efectuadas em benefício do traçado de mais largas vias rodoviárias.

NOTÍCIAS CURTAS

Bodas de Ouro Sacerdotais

São celebradas sábado as bodas de ouro sacerdotais do padre Manuel Ribeiro



Alves, pároco da paróquia de São Pedro em Azurém. Para as 16h00 está marcado o acolhimento de amigos e família na exposição fotográfica da vida dele na igreja nova de São Pedro, às 18h00 haverá uma procissão partindo da igreja velha em direcção à igreja nova seguida da celebração da eucaristia e, finalmente, às 20h00 haverá o jantar da comemoração das Bodas de Ouro Sacerdotais num restaurante da região.

Dress me up

O vencedor do concurso Dress me up, é divulgado sexta-feira numa sessão marcada para as 14h30, no Centro Cultural Vila Flor.

O concurso, iniciativa da empresa vimeirana Jordão, em parceria com a Associação Nacional de Designers e com o apoio à divulgação da Ordem dos Arquitectos, pretende estimular a criatividade, o pensamento «out of the box» e a inovação no equipamento de exposição alimentar.

Na mesma sessão, serão apresentados os protótipos de todos os finalistas, num evento aberto ao público.

Comissão de Festas S. Lourenço

A Comissão de Festas de S. Lourenço em Calvos promove domingo a Erguida do Pau da Bandeira. O início da iniciativa está marcado para as 14h30 e é seguida da actuação de Pedro Cunha.

Folclore em Sande S. Lourenço

O Rancho Folclórico Estrelas Douradas promove este sábado o 4º Festival de Folclore na freguesia de S. Lourenço de Sande. De acordo com o certame pelas 18h30 haverá um jantar dos Grupos participantes seguido de um desfile do Largo do Cemitério, até à Igreja Paroquial onde serão entregues lembranças aos respectivos grupos.

Pelas 21h00 terá início o Festival Folclórico com a participação do Rancho Folclórico Estrelas Douradas, Rancho Folclórico Martim de Freitas, Rancho Folclórico da Casa do Povo de Cepães, Grupo de Dança Gallego Cotogrande de C.C.R. Cabral e do Grupo Folclórico das Lavradeiras de Meadela.